

Economistas acham que expansão de 4% põe em risco meta com FMI

Previsão da maioria é que o PIB aumente entre 2,5% e 3,5% no ano 2000

TATIANA BAUTZER
e DENIZE BACOCINA

Economistas de bancos acreditam que o Brasil deva crescer menos que os 4% mencionados pelo governo para que a inflação em 2000 fique dentro das metas acertadas com o FMI. A meta é de inflação de 4% a 8% pelo IPC-A. A forte alta do dólar, que ultrapassou R\$ 2,00, contribui para o temor de elevação das pressões inflacionárias, embora nenhum analista preveja explosão da inflação. As estimativas para o crescimento do PIB oscilam entre 2,5% e 3,5%.

O diretor da Nikko Asset Management, João Luiz Máscolo, prevê crescimento de 3%, com inflação entre 7% e 8%, no limite da meta. "Um crescimento do PIB de 4% incorreria no risco de superar a meta", afirma.

O principal fator de risco é a alta do dólar, que representa elevação de custos para as empresas. "Nesse ano, a economia desaquecida não permitiu repasses e a indústria perdeu margem de lucro", diz Máscolo.

Mas uma melhora na demanda em 2000 poderia provocar recomposição de margens.

Para o ex-presidente do BC Gustavo Loyola, da Tendências, o maior risco para a inflação está na cotação do dólar. "Se ela recuar dos R\$ 2,00 para R\$ 1,70 ou R\$ 1,80, o risco de pressão inflacionária será menor", diz Loyola. Um recuo do dólar para níveis superiores ainda embutiria pressão. Loyola estima crescimento de 3% e também acha que um PIB em alta de 4% poderia estourar a meta.

O economista do BankBoston José Antônio Pena acredita num crescimento econômico de 2,5% para que a inflação fique

em 7%. E considera a relação entre crescimento do PIB e inflação usada pelo governo otimista. "Na minha opinião, o crescimento está limitado pelas metas de inflação", diz. Ele acredita numa

conduta mais cautelosa do BC na redução de juros.

O Citibank, mais otimista, prevê crescimento de 3,5%. O economista Carlos Kawall não prevê grande pressão inflacionária. "Hoje, o consumidor resiste a pagar mais caro", afirma. Kawall diz que o maior risco é o dólar, mas acredita num recuo. "O dólar ficará pressionado até o fim do ano, mas depois melhora", afirma.

MAIOR
TEMOR É
COM A ALTA
DO DÓLAR